

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ELMA DOROTI MACHADO PEREIRA

**TRABALHO E EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DO CAMPO
DOS ENGENHOS DO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO-RS**

**Dom Pedrito
2018**

ELMA DOROTI MACHADO PEREIRA

**TRABALHO E EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES
DO CAMPO DOS ENGENHOS DO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Aniara Ribeiro Machado

**Dom Pedrito
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P436t PEREIRA, Elma Doroti Machado Pereira
TRABALHO E EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DO CAMPO
DOS ENGENHOS DO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO-RS / Elma Doroti
Machado Pereira PEREIRA.

24 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, EDUCAÇÃO NO CAMPO, 2018.

"Orientação: Aniara Ribeiro Machado Mchado".

1. Trabalho. 2. Educação. 3. Sujeitos- Trabalhadores. 4.
Educação do Campo. I. Título.

ELMA DOROTI MACHADO PEREIRA

TRABALHO E EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DO CAMPO
NOS ENGENHOS DO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO-RS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação do
Campo da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em
Educação do Campo – Ciências das
Natureza.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 20, junho e 2018.

Banca examinadora:



Prof. Dra Aniara Ribeiro Machado
Orientador
Unipampa



Prof. Dr José Guilherme Gonzaga
Unipampa



Prof. Dr Jonas Anderson Simões das Neves
Unipampa

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus filhos, pelo carinho, e incentivo para comigo, principalmente naqueles momentos em que eu estava fraquejando e pensando em abandonar o curso por vários motivos. Posso dizer que foi através do curso que hoje tenho outra visão de mundo e uma transformação significativa como ser humano, é nessa hora que a família faz a diferença na nossa caminhada. Obrigada aos mestres que me ensinaram e me orientaram para que eu desse os primeiros passos e não parasse de sonhar, Obrigada por apostarem em mim - “Transformar-se para transformar”.

“A coletividade como objeto da educação: esta é a grande revolução da pedagogia de Makarenko. A escola deixa de ter a sala de aula como centro. O centro é autogestão da coletividade”.

Cecília da Silveira Leudemann

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar as possibilidades formativas de alguns trabalhadores do município de Dom Pedrito, sendo que estes exercem suas funções como “empregados” em engenhos do referido município. Para isso foi necessário realizar leituras, estudos sobre os conceitos “trabalho e educação” tendo em vista o livro “Anton Makarenko vida e obra- a pedagogia na revolução” de Luedemann e artigos que articulam e problematizam estes conceitos. Nesse sentido, foram realizadas conversas com cinco trabalhadores de diferentes engenhos. No relato dos trabalhadores observa-se que mesmo havendo diferença de idade entre um de cinquenta e quatro e um jovem de vinte anos não há muita perspectiva de crescimento e valorização do trabalho, pois falta incentivo das empresas o que pode levar a acomodação por parte dos sujeitos. Desse modo, percebe-se que as possibilidades formativas existem, porém o acesso a elas não é garantido pelos engenhos, nem pelos espaços educacionais, por exemplo, as escolas.

Palavras-Chave: Trabalho, Educação, Sujeitos-Trabalhadores, Educação do Campo.

ABSTRACT

This study aims to problematize the training possibilities of some workers in the municipality of Dom Pedrito, who perform their functions as "employees" in mills of said municipality. For this, it was necessary to carry out readings, studies on the concepts "work and education" in view of the book "Anton Makarenko life and work - pedagogy in the revolution" by Luedemann and articles that articulate and problematize these concepts. In this sense, conversations were held with five workers from different mills. In the report of the workers it is observed that even if there is a difference of age between a fifty-four and a young man of twenty years old there is not much perspective of growth and valorization of the work, since lack of incentive of the companies what can take the accommodation by the subjects. In this way, it is perceived that the formative possibilities exist, but the access to them is not guaranteed by the mills, nor by the educational spaces, for example, the schools.

Keywords: Work, Education, Worker-Subjects, Field Education

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO.....	5
RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
SUMÁRIO.....	9
1 INTRODUÇÃO	14
2 CONCEITOS GERAIS – TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	15
2.1 Trabalho e Educação – algumas impressões.....	15
3 METODOLOGIA.....	22
4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que será apresentada nesse trabalho de conclusão de curso emerge de reflexões desenvolvidas ao longo do curso de Educação do Campo – licenciatura, mais especificamente quando foram realizados estudos a partir do “Projeto Interdisciplinar V – O trabalho como princípio educativo”. No referido projeto buscou-se

Identificar a identidade econômica da cidade ((Dom Pedrito)) através da história de algumas grandes empresas que beneficiam ou beneficiaram nosso município buscando entender o posicionamento dessas empresas em relação a educação, se existe parceria com escolas locais e quais as colaborações feitas. (RELATÓRIO V, 2016, p.3)

Frente ao objetivo e da pesquisa desenvolvida notou-se que as empresas estão organizadas a partir de uma perspectiva do agronegócio¹, as mesmas buscam contribuir com a educação mesmo que de forma pontual. Entretanto, em que medida essa contribuição vem tendo alguma implicação na vida dos seus trabalhadores? Ou seja, quais as condições de trabalho dos sujeitos para que os mesmos possam ter acesso a uma educação de qualidade?

Acredita-se que essas empresas e município seriam beneficiadas através de seus colaboradores se, juntos com a comunidade pensassem nas reais necessidades no sentido de beneficiar esses trabalhadores para que possam investir numa educação de qualidade, ter acesso a formação profissional sem precisar sair para outros Municípios ou Capitais. Entendo que o melhor lugar para se viver é aquele que possibilita e permite-nos que tenhamos uma formação de qualidade para buscar transformações e através dessa ter mais respeito e dignidade. É com esse pensamento que podemos exercer, e construir novos conhecimentos conjunto a diversos saberes que contribuirá para uma melhor sociedade.

Nesse sentido, quais as possibilidades formativas dos trabalhadores dos engenhos de Dom Pedrito-RS? Frente a questão de pesquisa se teve como objetivo problematizar as possibilidades formativas no município de Dom Pedrito para os trabalhadores dos engenhos.

¹ “No Brasil, expressa – ou deseja expressar – as atividades agropecuárias que utilizam técnicas de produção intensiva (mecanização e química) e de escala, o que gera aumento da produção e produtividade (SAUER, 2008, p.16)”.

2 CONCEITOS GERAIS – TRABALHO E EDUCAÇÃO

Neste item busca-se desenvolver algumas impressões frente a estudos realizados sobre os conceitos de trabalho e educação. Chama-se de impressões, pois são leituras iniciadas no curso de Educação do Campo e que se pretende dar continuidade a fim de aprofundamentos acerca do tema “trabalho e educação”. Nesse sentido, a partir de leituras do livro “Vida e obra – a pedagogia da revolução de Anton Makarenko” e de artigos que relacionam os conceitos de trabalho e educação se construiu esse item, não como uma revisão aprofundada, mas como o olhar de pessoas que estão em formação e aguçam por saber mais sobre o que é o trabalho frente as demandas de um município como Dom Pedrito-RS.

2.1 Trabalho e Educação – algumas impressões

Para discutir sobre o mundo do trabalho de Dom Pedrito, parte-se de um trabalho desenvolvido no curso de Educação do Campo – Licenciatura como já mencionado, em que se percebeu que um mundo que prevalece no município de Dom Pedrito é o agronegócio. Desse modo, corrobora-se a ideia de Iglécias (2007, p.76) acerca do conceito de agronegócio.

Conjunto de atividades agropecuárias relativas à produção, industrialização, distribuição e comercialização de produtos agropecuários, pautadas por algumas características bastante peculiares, como competitividade, gestão, foco no consumidor, altos índices de produtividade, desenvolvimento permanente de ciência e tecnologia, intensividade em capital (e, em algumas cadeias produtivas, também em trabalho) e inserção nas cadeias produtivas, financeiras e comerciais globais.

Parece que o agronegócio se caracteriza como um dos meios que mais tem avançado no sentido empregatício atualmente no Brasil, porém emprego e trabalho possuem características distintas, pois o trabalho dignifica o ser humano, o torna humano, e o emprego é uma forma de exploração, na qual você tem quem emprega e ganha capital.

Frente a compreensão sobre o agronegócio se faz necessário situar em que contexto se localiza essa forma de economia, para tanto parte-se da relação entre campo e cidade.

O termo campo e cidade é diferente de rural e urbano, este segundo se refere à questão cultural e social, ou seja, modo de vida. O primeiro refere-se à questão

econômica, número populacional tornando a cidade como sede do município (NUNES, PINTO, 2009).

O vínculo social entre cidade e campo enquanto relações que demandam discussões que extrapolam o que é um e outro é uma questão histórica, pois parece haver certo desmerecimento do papel do campo para a sociedade. Nesse sentido, é importante perceber o papel coletivo de ambos os contextos (campo e cidade) para a sociedade, conforme Makarenko (1981, p.81) “é a participação no trabalho coletivo que permite a cada homem manter relações moralmente corretas com os seus semelhantes”. Ou seja, quando situa-se o agronegócio enquanto uma forma de economia em um município se faz necessário compreender as implicações coletivas que esse carrega, em que se extrapola o olhar dicotômico entre campo e cidade.

Desse modo, busca-se na história do município de Dom Pedrito-RS a compreensão acerca do agronegócio e a implicação do mesmo na vida das pessoas para o desenvolvimento da educação e educação do campo.

O município foi criado em 1872, se transformando em aldeia de contrabandista de fumo nascendo às margens do rio Santa Maria, onde passavam a pé ou a cavalo. Desertor do exército espanhol Pedro Ansuategui emprestou o nome para a aldeia, por isso o nome da cidade Dom Pedrito. Existia aqui disputas entre Portugal e Espanha, a fragilidade da fronteira fazia com que a região fosse se urbanizando buscando recursos. A Revolução Farroupilha, mais adiante, isolou a província de São Pedro.

Com a evolução do processo de urbanização e da economia a cidade de Dom Pedrito é reconhecida pelo seu papel de produtor primário e riqueza no campo nos dias de hoje. O município teve uma queda econômica significativa na década de 90 ocasionando o fechamento de frigoríficos e de grandes empresas, desenhando um quadro complexo de crises ocasionadas por questões ambientais, a seca, levando a quebra de safra e a queda ou aumento do preço de produto.

Enquanto o campo vivenciava uma crise a cidade parecia ofertar possibilidades de grandes oportunidades. Os pequenos agricultores começaram a vender suas terras para os grandes agricultores. Era o capitalismo tomando conta da economia da cidade.

O território não tem uma natureza pré-estabelecida, nossa região dispõe de condições naturais que aceita culturas tais como: arroz, soja, trigo, bem como a

criação de gado, etc. Entretanto, o que se nota é o crescimento das culturas de arroz e soja, tomando cada vez mais conta dos campos.

Com isso as relações entre cidade e campo tem se dado pelas transformações e dificuldades históricas, elevando a urbanização e com isso o êxodo rural. Isso caracteriza um problema grave para a sociedade, pois as pessoas que partem para os centros urbanos buscam se inserir no mercado de trabalho, mas o que resta a essas pessoas? Qual o papel do agronegócio no êxodo rural?

O trabalho, nesse sentido, parece ser o vínculo relacional entre campo e cidade, pois o mesmo é constituidor do ser humano em todo e qualquer espaço. Ou ainda, como discutido nas aulas sobre Sociedade e Trabalho, o trabalho nos capacita a transformar o meio e a nós mesmos; uma vez transformado o meio também o meio nos transforma.

Sendo assim, o trabalho extrapola a compreensão de emprego, não é apenas de trabalho desenvolvido em sociedade, é atividade fundamental pela qual o ser se humaniza.

O trabalho sendo o eixo fundamental de relação campo e cidade, se faz necessário compreender como esse constitui os sujeitos quando inseridos numa economia baseada no agronegócio a exemplo de Dom Pedrito, mais especificamente a implicação do referido mundo do trabalho na educação dos sujeitos, pois o convívio no ambiente educacional, a exemplo, da escola promove a construção do ser social.

Desse modo, se faz necessário o aprofundamento acerca do que é o trabalho quando situa-se o agronegócio e educação, pois conforme se viu no relatório do Projeto Interdisciplinar V (2016) “O trabalho como princípio educativo pressupõe que educar deve preparar para o trabalho devemos dedicar-nos para formar cidadãos com capacidade de pensar o trabalho como parte de sua constituição”.

Para tanto, o início do aprofundamento acerca dos conceitos de trabalho e educação se deram a partir dos estudos do Pedagogo e escritor ucraniano, Anton Semionovich Makarenko. Conforme descrito por Leudmann (2002, p.405-410), Makarenko nasceu em 1888

em Belapolie, província de Kharkov, Ucrânia, nasceu, em 1º de março Anton Semionovich, filho de Semion Grigorievich, operário e pintor, e sua mãe Tatiana Mikhailov na Dergachova, filha de soldado do exército Tsarist. Makarenko nasceu com a saúde debilitada, e por esse motivo foi afastado

das brincadeiras das crianças, aproximou-se da cultura popular Ucraniana e Russa transmitida pela mãe, com suas canções e histórias tradicionais da Ucrânia. Educado pela mãe, aos cinco anos de idade já sabia ler e escrever. Aos sete anos é matriculado na escola primária para filhos dos operários com dois anos de duração.

1897

Aos nove anos, conclui o curso primário e matricula-se no curso complementar, aos doze anos continua os estudos na escola Urbana de krementchug por mais seis anos, junto aos filhos dos funcionários públicos, artesão e operários. Manteve o estudo de língua Russa, de Aritmética, de Geografia, de História, de ciências Naturais, de Física, de desenho. (linear e artístico), de Canto, de Ginástica e de Catecismo, mas não pôde estudar as línguas materna e estrangeira, nem lógica e Filosofia, pois essas disciplinas estavam destinadas apenas a elite que seguiam curso superior, em 1902 em krementchug, Anton teve acesso as bibliotecas públicas e aos debates políticos que possibilitou mais conhecimento, a partir das leituras literárias naturalistas e realistas que denunciavam a vida decadente da nobreza é que instiga a Makarenko novas ideias (p. 407). Aos dezesseis anos ele conclui seus estudos na escola Urbana, decide continuar para a formação de professor primário, enquanto os demais colegas encaminham-se aos cursos técnicos para operários da ferrovia e a carreira militar, em apenas um ano ele conclui o magistério e no ano de 1905 ganha destaque nas experiências políticas dos trabalhadores contra o tsarismo.

Aos dezenove anos de idade Makarenko passa a compreender a impotência da ação pedagógica desvinculada de um novo método geral de educação sob pressão dos acontecimentos políticos de 1905, e a partir desse momento reconhece a necessidade de considerar o aluno como individuo social, e a escola como unidade de cultura social e política.

Com vinte e três anos Makarenko inicia uma nova fase do seu trabalho político como educador, e assumi a direção da escola primária das oficinas Ferroviárias em Dolinskaia, onde ficou até 1914. Percebe a necessidade do aprofundamento do estudo da pedagogia, História, e Filosofia para compreender suas experiências escolares e para a sistematização de novas propostas.

A breve cronologia biográfica de Makarenko possibilita entender da onde o autor fala, ao mesmo tempo traz elementos sobre o “para quem e para que” da educação, no sentido de que a educação precisa estar alicerçada numa visão coletiva.

Makarenko centra em um modelo de educação alicerçado na vida em grupo, no trabalho, disciplina, e autogestão, respeito aos direitos, pois esse conjunto de procedimentos é o que fundamenta para a recuperação de jovens infratores e assim formar um novo caráter. Sua pedagogia tornou-se conhecida por transformar centenas de crianças e adolescentes marginalizados em cidadãos. Isso foi possível, pois “não existe uma metodologia certa para se ensinar, mas sim uma organização de métodos que se trabalhe de acordo com as necessidades da sociedade, criando várias possibilidades para formação do caráter e transformação do homem” (LEUDEMANN, 2002, p.275).

Segundo Leudemann (2002, p.278)

Como educar para a necessidade da sociedade sem cair na educação massifica? Como respeitar e responder ao princípio das exigências sociais? A hipótese de Makarenko é a chave de todo seu sistema educacional. A única saída para esse problema é deixar de considerar a "criança", ser genérico, abstrato, como objeto da educação e tomar a "coletividade de" como novo objeto da educação comunista. Ai sim todas as diferentes personalidades estariam contempladas sem que se buscasse uma personalidade ideal, anulando as demais nos moldes de educação.

Acredito que a partir do momento que unificarmos as escolas em relação aos direitos educacionais vamos garantir o direito de igualdade. Na área da pedagogia a organização trabalhar no coletivo é de fundamental importância, mas as crianças agrupadas com idades aproximadas nem sempre traz benefício no desenvolvimento pedagógico, o que pode dar indicativos da importância da multisseriação, assunto que não explora-se nesse momentos, mas denota reflexões importantes acerca das possibilidades do trabalho como princípio educativo.

Pois a organização em grupos, com estudantes de idades variadas, de sete á quatorze anos, segundo a metodologia de organização, requer mais responsabilidades por parte dos mais velhos, onde os mesmos deverão ensinar aos menores as regra de comportamento e também zelar pela integridade coletiva, e assim os mais novos deverão aprender a respeitá-los, e essa responsabilidade de ambas as partes faz com que os mesmos tornam-se futuros homens de bom caráter, bons chefes de família, cidadãos com uma qualidade de vida bem mais humanizada, Makarenko quando afastado da comuna Dzerjinski já com suas experiências vividas e adquiridas ao longo de sua caminhada, sistematizou uma proposta de trabalho cultural aos educadores junto ao coletivo dando orientações concretas que poderiam ser avaliadas positivamente para serem executadas.

Educação para o fim das diferenças de classe; educação para que cada um entenda que deve trabalhar, confirme sua capacidade e contemplar as suas necessidades. Uma educação de homens e mulheres com diferentes capacidades e diferentes necessidades, mas com os direitos assegurados. (LEUEMANN, 2002, p.323).

Um das preocupações de Makarenko era criar uma nova escola onde o educador pudesse se reeducar junto com os operários, crianças e jovens, segundo as suas experiências, o trabalho também educa, é uma das atividades essenciais no ser humano, e valorizar a cultura com a participação coletiva nessa troca de diferenças com diferentes personalidades, isso tudo é verdadeira soma para que se aprenda a ser fiel com o coletivo, é uma identidade para que se visualize que na vida temos

derrotas mas se trabalharmos juntos respeitando as diferenças, nos tornamos mais fortes na conquista e superação, nunca esquecendo que em primeiro lugar devemos ter autonomia nas nossas decisões, e sempre tentar resolver nossos próprios problemas em diversas situações que se apresentarem em nosso cotidiano.

Makarencó deixa claro a necessidade de os educandos viverem situações concretas de responsabilidades para compreenderem o valor concreto, prático, de cada princípio teórico da educação comunista. Ao definir o tom da coletividade, Makarencó retoma os valores da humanização pela educação ao longo da nossa história tomando cada situação concreta como objeto de análise da atuação do coletivo e da educação, ele defende a educação dos movimentos livres, dando a cada educando a graciosidade de ser como é, cada um com suas peculiaridades e seguro de si mesmo em suas qualidades. LEUDEMANN, 2002, p. 327).

O educar não está somente nas escolas, a educação abrange outros espaços além dos muros das escolas, mas insistimos em apenas um modelo de educação, qual está pautada no conteúdo e em técnicas de ensino.

Baseando-se no contexto geográfico do município podemos colocar que:” O suposto é que é preciso levar a sério o trabalho que acreditamos que é simples” (Schwartz; Durrive, 2007). Pois, o trabalho desses trabalhadores de engenho por mais simples que pareça devemos valorizarmos, e muito, o que produzem para nossa mesa, pois com os conhecimentos e suas especificidades se tornam fundamentais para uma empresa, “trabalho comum” que não é tão comum assim.

Estabelecer relações e diferentes experiências entre os trabalhadores, contribui para o reconhecimento dos mesmos, pois essas experiências são muito ricas e se faz necessárias para que se saiba e aprecie essas diferentes trocas de conhecimento entre diferentes seguimentos, isso estrutura o processo histórico que faz parte da nossa cultura e com certeza todo esse movimento nos modifica como espectador, que tem anseios, em busca dessa temática que envolve a denominação do capital que se amplia, pois a Educação do Campo foi pensada a partir da educação e trabalho, e a relação do homem do campo e suas condições, um dos objetivos foi para suprir as reais necessidades do homem do campo.

É através da educação que o homem se transforma, portanto, cabe a educação, nos diferentes espaços, ofertar e possibilitar junto as políticas educacionais, direcionar nesse processo de modificação, pois não existe um método nem forma definida para que aja uma transformação humana, partindo do princípio que cada ser é único. A educação transforma o homem, e de posse desse

conhecimento ele transforma a matéria, transformando a matéria ele transforma a natureza dessa forma jamais ele será o que era antes.

Entretanto, será que a educação vem possibilitando essa transformação? A educação pautada num ensino técnico, leva a modificação dos humanos? E o trabalho, como forma de educação, é possibilitada nas escolas, por exemplo?

Há uma urgência em se refletir sobre o que é o trabalho e seu significado educativo para o trabalhador – isto é, pensar o trabalho no sentido não apenas de mão de obra para a empresa, mas de ação própria do homem, processo de que participam homem e natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza, gera a cultura e as técnicas, as diferentes formas de produzir, apropriar-se do produto do trabalho e organizar-se socialmente (CIAVATTA, 2009, p. 23).

Fazer essa reflexão “pensar o trabalho no sentido não apenas de mão de obra para a empresa” é necessário, pois para se transcender a compreensão do trabalho como emprego, o trabalhador como sujeito explorado, não é algo simples, mas a educação é um dos caminhos possíveis para mudar esse entendimento.

Porém, parece que a nossa educação está posta para realimentar e suscitar a importância do agronegócio, a medida que ele é visto como base da exportação do Brasil, ou seja, a educação baliza a mão de obra para manutenção dessa forma de economia.

Ditando assim o modelo e os processos formativos de uma educação voltada para a qualificação profissional, qualificação essa que garante que o agronegócio se expanda e se multiplique no campo hoje. Temas como cidadania e economia solidária são a “bola da vez”, questões essas totalmente fora de uma demanda da classe trabalhadora, ganham espaço em um discurso “ingênuo”. Tal perspectiva sobre cidadania parece proporcionar pleno acesso aos direitos da vida à todos, enquanto que apenas proporciona de forma precária o acesso às políticas sociais de governo. Essa tergiversação do conceito de cidadania vem ocorrendo ao longo de décadas na história do Brasil: (p.195)

Em síntese, a educação preconizada pelas diferentes instancias atende as perspectivas do agronegócio, à medida que documentos como os parâmetros curriculares nacionais abordam temas distantes da vida cotidiana, da sociedade, dos trabalhadores, mas é amplamente reproduzido como um documento formativo.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa se organiza em três momentos, conforme são descritos na sequência. Optei em não nomear um tipo de pesquisa específico, pois dentre algumas possibilidades todas exigiam um tempo do qual eu não dispunha. Porém, mesmo não havendo esse tempo, estou imersa no espaço e tempo do tema da pesquisa, ao passo que problematiza as relações “trabalho e educação” frente a falas de trabalhadores de Dom Pedrito-RS.

Nesse sentido, a metodologia na pesquisa desenvolvida se caracterizou como um momento de descrição do que foi desenvolvido, levando em consideração as relações humanas com os trabalhadores que participaram desse trabalho.

Começo chamando a atenção para o primeiro momento da pesquisa, o qual envolveu o estudo e aprofundamento dos conceitos de agronegócio, trabalho e educação.

Para melhor rudimentar este estudo busquei informações na tentativa de fundamentar essa elaboração, através de artigos relacionados com o agronegócio, trabalho e educação e o autor Anton Makarenko, mais especificamente o livro: Vida e obra – a pedagogia na revolução de Cecília Leudemann.

O segundo momento foi o resgate histórico acerca do município de Dom Pedrito, pois esse apresenta características importantes sobre o avanço do agronegócio.

Um dos momentos da pesquisa foi o resgate histórico do Município de Dom Pedrito frente ao agronegócio, para isso se buscará realizar conversas informais com representantes de algumas empresas e fundamentação em leituras já realizadas ao longo do curso de educação do campo. No Município temos um Museu com acervos sobre a História da cidade, a secretaria da educação que poderá contribuir com esse trabalho; e com pessoas que residem e conhecem a História de Dom Pedrito.

O terceiro e último momento, foi o diálogo com cinco trabalhadores de diferentes engenhos de Dom Pedrito-RS.

Entendemos como diálogo, pois foram elaboradas questões que orientassem a compreensão sobre o mundo do trabalho e as possibilidades de estudo de trabalhadores.

Para isso, foi elaborado uma carta convite para participação em nosso trabalho, em que cinco trabalhadores se disponibilizaram.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste item são apresentados os diálogos e relatos dos trabalhadores, os quais vão se configurando como resultados que possibilitam problematizações e discussões acerca da relação “trabalho e educação”.

4.1 Relatos dos trabalhadores

Os cinco trabalhadores são de diferentes engenhos de Dom Pedrito, mas mais importante que isso é a diferença de idade e perspectivas na educação desses trabalhadores em que apresento cada um dos trabalhadores como resultado do diálogo e possibilidade de problematização da relação “trabalho e educação”.

O Trabalhador 1 (T1) exerce suas funções a dez anos num engenho, o mesmo tem 54 anos de idade e segundo seu relato, nunca pensou na possibilidade de retomar os estudos, acredita que foi por não ter incentivos, na ocasião, mas afirma que na empresa tem colegas que almejam em concluir seus estudos, e devido ao trabalho ser dividido por turnos, haveria sim, possibilidade para aquele trabalhador que tivesse interesse em estudar.

Já no seu caso quando teve que tomar uma posição, ou, seja uma decisão, quando adulto, trabalho ou estudo, e o não estudar mais, foi o que decidiu, pois, suas conquistas dependeriam dele próprio, sente-se feliz do jeito que é.

Segundo Leudemann (2002, p. 333).

A felicidade humana que nossa grande revolução proletária conquistou e que irá aumentando ano após ano, é uma felicidade que deve ser patrimônio de todos, à qual eu, particularmente, também tenho direito. Eu quero ser herói e realizar proezas, dar o melhor ao Estado e à sociedade e, ao mesmo tempo, quero ser um homem feliz. Assim devem ser nossos filhos. Devemos dar tudo de nós tudo quando isso for necessário, sem parar para pensar se nosso ato trará felicidade ou dor, mas, por outro lado, devemos procurar ser felizes.

Para esse trabalhador a felicidade está nas pequenas coisas, e com o seu trabalho, de alguma forma contribui para a sociedade em que vive, e que o fato de não ter estudo, não impediu de ser mais ou menos realizado na sua vida pessoal. Entretanto, esse trabalhador carrega marcas de uma educação “ingênua”, pois o mesmo não se vê como mão de obra, mas como alguém que está feliz na realização das suas funções.

O Trabalhador 2 (T2) exerce suas funções a quatro meses na empresa, tem 38 anos de idade, trabalha até as 18:00h e estuda à noite na modalidade de Educação de Jovens e Adultos nível de ensino fundamental.

Segundo seu relato o incentivo aos estudos é para que tenha possibilidade de ter um cargo melhor dentro da firma. Pois seu objetivo é concluir seus estudos e assim poder alcançar a sua meta, que é uma melhor posição no trabalho, acredita que o empenho e dedicação aos estudos somará para em sua vida pessoal e profissional.

No diálogo com o T2, não fica claro o que seria essa ocupação mais bem qualificada.

O Trabalhador 3 (T3) exerce suas funções a 3 três meses na empresa, tem 37 anos de idade, não estuda e no momento não pretende estudar, mesmo tendo incentivo por parte da família.

Os três primeiros trabalhadores, possibilitam um indicativo importante sobre a educação, seria apenas a educação escolar o caminho possível para o crescimento profissional? Ou, o que seria crescer profissionalmente?

Ao mesmo tempo, percebe-se que as famílias incentivam os estudos, pois de algum modo a educação ainda é vista como um caminho para melhorar de vida, ou como Leudemann (2002) traz a partir da vida e obra de Makarenko, a família como instituição coletiva e social que pode contribuir na transformação humana.

O Trabalhador 4 (T4) exerce suas funções a três anos na empresa, trabalha 8h por dia, sua escolaridade: ensino médio incompleto, não vê uma real possibilidade de continuar os estudos frente ao trabalho, principalmente em época de safra, mas que gostaria muito de ter uma oportunidade de continuar os estudos para melhorar sua qualificação na empresa, e ter uma melhor qualidade de vida.

O Trabalhador 5 (T5) exerce suas funções a um ano e três meses na empresa. Trabalha oito horas por dia, seu grau de escolaridade, ensino médio completo, quando questionei a respeito da possibilidade de estudar frente ao horário de trabalho respondeu que nenhuma não tem como.

Os trabalhadores, T4 e T5, ressaltam uma questão importante sobre os períodos de safras nos engenhos, em que as horas de trabalho são diferentes o que não dialoga com a organização das instituições de ensino.

Considerando as informações, coletadas quando se trata de educação e trabalho para esses trabalhadores de engenhos, mesmo eles afirmando que a empresa incentiva seus trabalhadores nos estudos, a primeira impressão é que a preocupação referente a esses sujeitos, estão um pouco esquecidas, parece que os mesmos permanecem somente para carregar arroz e cereais dentro do engenho, e que seu trabalho não é tão importante, sendo que na verdade é de fundamental importância para o funcionamento e desenvolvimento da empresa, ou seja, são mão se obra e não, de fato, trabalhadores.

Durante essa busca sobre a formação dos trabalhadores dos engenhos de Dom Pedrito, não achei muitos questionamentos, pois parece que o tempo estacionou não houve um progresso significativo dentro desse contexto que modificasse essa realidade, a grande maioria desses trabalhadores dos engenhos aqui no município continuam com baixa escolaridade.

Atualmente há poucas ofertas e possibilidades para que os trabalhadores participem de cursos profissionalizantes, e ingressos aos estudos, o progresso nos leva a pensar em um futuro promissor, pois as oportunidades de trabalho não é somente para os jovens, mas também para os mais velhos. Devemos pensar que os engenhos sempre irão existir e os trabalhadores que já estão a mais tempo nessa função deverão acompanhar o desenvolvimento que vai exigir do trabalhador maior escolaridade porque o maquinário precisa de mão-de obra para manutenção, e é aí que surge o grande problema, pois em uma das entrevistas anteriores com um determinado empresário, houve essa queixa a respeito da necessidade de um profissional capacitado que faça a leitura de manual que acompanha o equipamento, muitas vezes esses manuais vem escrito em outra língua que não seja o português essas são umas das dificuldades que algumas empresas enfrentam.

Em síntese, a preocupação está em manter a mão de obra, em que a educação é um apêndice para perpetuação de um emprego, e não do trabalho como forma de transformação ou mesmo da humanização dos sujeitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar esse trabalho pensei em problematizar o cotidiano desses trabalhadores que estão muito presentes em nossas relações e ao mesmo tempo nulos aos olhos de muitos, pois a partir de estudos anteriores é que questiono a respeito do que essas empresas oferecem aos seus trabalhadores de engenho, é trabalho ou emprego?

Frente a essas realidades e procurando entender quais as reais possibilidades das empresas locais dar um incentivo a esses trabalhadores em relação ao crescimento, dentro da empresa, não fica muito claro de que maneira, mesmo tendo esse discurso que apoiam, fica uma dúvida, e as escolas será que estão preparadas para as demandas dos trabalhadores?

Não respondendo as questões, mas traçando indicativos, entende-se que os engenhos perpetuam a ideia de emprego e mão de obra, e as escolas, mesmo que indiretamente, como aliadas nessa perpetuação.

REFERÊNCIAS

CIAVATTA, M. **A Formação Integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.** Disponível em. http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_03/TN3_CIAVATTA.pdf

LEUDEMANN, C. de S. **Anton Makarenko vida e obra** – a pedagogia na revolução. São Paulo, Expressão Popular, 2002.

SAUER, S. **Agricultura Familiar versus agronegócio:** a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro. Brasília, DF – EMBRAPA, 2008.